

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS EM NARRATIVAS PESSOAIS: INVENTÁRIO E ANÁLISE LEXICAL

Maria Helena de Paulo*

Resumo

Este estudo toma o léxico em sua interrelação com a cultura de um povo, em especial do povo rural do sudeste goiano. A teoria lexical (BIDERMAN, 2001) fundamenta o inventário e a análise dos signos lexicais para *brincadeiras* e *brinquedos* infantis, no *corpus* das narrativas pessoais de idosos do município de Catalão-GO. É, pois, este estudo de natureza lexicológica e tem o intento de contribuir para os estudos lingüísticos, notadamente para os estudos do léxico do português.

Palavras-chave: Brinquedos, Brincadeiras, Inventário, Léxico.

Abstract

This study takes the lexicon in its interrelation with the culture of a people, especially the rural people of southeastern Goiás. The lexical theory (BIDERMAN, 2001) is the conceptual basis for build an inventory and an analysis of lexical signs for games and child toys, considering as *corpus* personal narratives of elderly from Catalão-GO. It is, therefore, a study of lexicological nature and aims at contributing for linguistic studies, especially for studies of Portuguese lexicon.

Keywords: Toys, Games, Inventory, Lexicon.

Palavras iniciais

O presente estudo tem sua origem em uma investigação sobre as memórias de idosos sobre o mundo dos brinquedos e brincadeiras de infância, integrantes do *corpus* publicado em Paula (2007). O *corpus* apresenta o levantamento de mais de mil signos léxicos, que recobrem conceitos distintos do mundo rural, aventado nas narrativas de memórias pessoais; este denso conjunto de signos não permitira os aprofundamentos em todos os campos conceituais inventariados sob o risco de uma abrangência pouco funcional para o estudo léxico das narrativas. Desta feita, muitos conceitos de nomeação e significação do mundo dos narradores não puderam constar nos micro-campos apresentados na tese em que consta o *corpus*.

Dentre estes campos apenas inventariados e não recobertos por análise, está o campo conceitual “O Homem, ser social”, subespecificado em “Diversão”. É a este campo conceitual, inventariado a partir do Sistema Racional de Conceitos, proposto por Hallig e Wartburg (1963) e adotado na investigação a que recorreremos para fundamentar o estudo que ora apresentamos.

A opção por narrativas orais para o trabalho de investigação do léxico em sua estreita relação com a cultura nele expressa, especialmente de uma comunidade rural, se justifica por entender que as histórias de vida transportam memórias e saberes

* Professora Doutora do Departamento de Letras da UFG mhpcat@gmail.com

espontaneamente e, por isso, podem ser um expediente metodologicamente fiável para o inventário de realizações léxicas que estabeleçam interdependências com as práticas culturais dos narradores. Os textos das narrativas estão eivados de memórias que buscam resistir ao tempo e às pressões dos não-ajustamentos dos homens e mulheres de vida rural, em relembração de suas lidas de roça em que sobreviver era a preocupação mais urgente.

A proposição do estudo

Pretendemos apresentar alguns signos lexicais das narrativas pessoais de senhores e senhoras, de experiências rurais em Catalão, inventariados para a conceituação do seu mundo infantil até os anos 1950.

É, ainda, nossa intenção tecer rápida análise destes signos com o contexto sócio-cultural das crianças da época, os senhores narradores de nossa pesquisa, considerando como o trabalho é referencial para estes senhores e senhoras não apenas para tecerem sua identidade de agora, mas, também, para os simbolismos de sua vida de criança, quando tratam de suas brincadeiras e brinquedos.

Objetivamos, também, estabelecer relação entre a memória de senhores e senhoras em suas narrativas com o lugar dado à infância e suas configurações mais salutares, como o ato de brincar e o contato com os brinquedos – a sua criação, por reinvenção ou aproveitamento de objetos culturais relevantes na vida dos narradores. A apresentação de excertos narrativos intenta, ainda, demonstrar o contexto da realização léxica dos signos que recobrem o ato de brincar, em idos do século passado.

De cultura, léxico e memória

É o léxico o conjunto organizado de signos para a categorização e nomeação da realidade que, em seus limites imprecisos, que faz significar, associar sentidos, resgatar e recriar valores, ampliar e reordenar significações. Por isso, o compósito léxico não passa imune a tantas peripécias dos sistemas sociais e lingüísticos em que residem os fatos de cultura servidos pelos usos lexicais e os fatos da língua constantemente sendo definidos pelos acontecimentos culturais. Assevera Biderman (2001) que

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Embora signifique a realidade, o léxico é, ainda, mais estável e imune às peripécias sociais, não conseguindo (e não podendo!) acompanhar as dinâmicas sociais que ele nomeia, sob o risco de a cada nova cultura ou novo momento das culturas de um povo ou nação ter uma nova ou uma língua bastante alterada. Segundo Sapir (1969),

Os elementos culturais, que servem de maneira mais definida às necessidades imediatas da sociedade e entram mais claramente no campo da consciência, não só hão de mudar mais rapidamente do que

os elementos lingüísticos, mas a própria forma da cultura, que dá a cada elemento a sua significação relativa, há de ficar num processo contínuo de remodelação. Os elementos lingüísticos, por outro lado, embora em si mesmos possam ter, e tenham, rápidas mudanças, não se prestam facilmente a reformulações, devido ao caráter subconsciente da classificação gramatical.(...) Em outras palavras, a tendência conservadora se faz sentir muito mais profundamente nos lineamentos essenciais da língua do que na cultura (SAPIR, 1969, p. 60-1).

É assim que no léxico se inscrevem as memórias de uma cultura expressa em uma dada língua, mais notadamente do que se mostra, indubitavelmente, em outros níveis do sistema semiológico.

Deste modo, descrever o léxico de um povo ou de uma comunidade lingüística específica, ou parte dele, como pretende este estudo com o vocabulário dos brinquedos e brincadeiras, é, então, uma maneira de emergir as memórias que ele registra. É, pois, uma tentativa de trazer os saberes sobre a infância e suas estratégias de diversão, em eras de tamanha luta por sobreviver, quando o trabalho permeava todas as instâncias da vida, de adultos e crianças, mesmo em circunstâncias das brincadeiras infantis, em sonhos de diversão tolhidos pela sobrevivência gritante e urgente.

Assim, assume-se, aqui, que descrever e propor uma análise das memórias via estudo do léxico é uma tentativa

de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas, comemorações ...) (SEIXAS, 2001, p. 42).

Estas memórias tornam-se uma tentativa de controle do passado e uma reformulação do (e no) presente, nas narrativas, porque são traduzidas em linguagem, em signos léxicos nas construções lingüísticas. São estas memórias, reveladas nos signos cadenciados nas seqüências narrativas, que revelam os rastros da cultura que as sustentam e as tornam possíveis e, também, que elas possibilitam.

As narrativas ativam, de certo modo, memórias de um passado que se pretende controlar e reformar, colocando na ordem do que se desejava ou deveria ter sido para a pragmática da vida. Para Gagnebin (2001), a memória

também significa uma atenção precisa ao presente, particularmente a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2001, p. 91).

Procedimentos do estudo

As narrativas que servem ao estudo aqui apresentado foram coletadas observando o que Labov (1983) chamou de situação de uso vernacular da língua. Foi no estilo com a mínima atenção no discurso que foram buscadas as histórias dos narradores sobre suas infâncias. Ao contarem sobre o modo como brincavam e com que brincavam, muitos deles se ressentiam da vida de trabalho que levaram desde a infância. Outros, por sua vez, reviveram e reelaboraram suas memórias no presente da narrativa, reinventando esta fase de suas vidas.

O procedimento para o inventário obedeceu ao proposto por Hallig e Wartburg (1963), no seu Sistema Racional de Conceitos, associando os signos que conceituam sistematicamente o mundo, na tentativa de significar ordenadamente o que se conhece, ou o mundo cognoscível, nas palavras de Biderman (2001).

A análise rápida empreendida aqui se fez assentada na perspectiva da relação inquestionável entre língua e cultura, e toma especialmente o nível léxico, como ensinam Benveniste (1989) e Sapir (1969), por entender, como considera este autor,

Que o léxico assim reflita em alto grau a complexidade da cultura é praticamente um fato de evidência imediata, pois o léxico, ou seja, o assunto de uma língua, destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo. Se por complexidade de uma língua se entende a série de interesses implícitos em seu léxico, não é preciso dizer que há uma correlação constante entre a complexidade lingüística e a cultural (SAPIR, 1969, p. 51).

O inventário aqui apresentado não comporta todos os signos aventados no *corpus* organizado por Paula (2007). Na seção que segue, apresentaremos alguns destes resultados e suas discussões.

Resultados e discussões

Para o inventário que apresentamos consideramos que o ato de brincar cria a brincadeira e os brinquedos, numa esperada relação sistematicamente conceitual, não sendo possível aos narradores enunciarem o item brincar sem que enunciassem os itens relativos às brincadeiras da época.

Acerca das brincadeiras, selecionamos alguns itens que seguem e que representam o imaginário infantil dos narradores: *Cavalo de pau*, *Negócio de jogar bola*, *Bola*, *Campoquinho*, *Campo*, *Campinho*, *Brinquedinho bobo*, *Brinquedinho de roça*, *Brincar com uns boizinhos*, *Roçar*, *Boizinho de sabugo*, *Turma de brincar*, *Cambuiar com os bois*, *Boi de carro*, *Fazer curral*, *Apartar vaca*, *Fechar com umas linhas*, *Curral de linha*, *Sair para o cerrado*, *Boizinho de pau terra*, *Ir para o ribeirãozinho*, *Tomar banho*, *Pescar*, *Carrinho de brinquedo*, *Cozinhadinho*, *Bater de mentirinha*, dentre outros.

Os narradores que evocaram suas memórias sobre suas vidas de outrora, no que concerne à vida de criança e ao modo como e com que brincavam, eram meninos e meninas que, nas raras horas vagas, se davam às brincadeiras que se assemelham ao seu mundo precoce de trabalho.

É assim que o menino candeeiro, quando lhe sobrava tempo, gostava de *Brincar com uns boizinhos*, de *Cambuiar com os bois*, em um tênue limite entre o que era seu trabalho

infantil e o que era sua imaginação quando brincava de *Boi de carro*. Este senhor conta que, por vezes, *candiava* brincando, embora a tarefa de *candiar* fosse da mais alta responsabilidade porque era o menino-guia que dava a direção dos bois *cambuiados* ou cangados e se responsabilizava pelo sucesso da viagem do carro-de-boi. Veja-se o excerto:

Brincava [as]sim¹, uns brinquedim bobo, né? Da roça, né? É, brinquedim de roça. Ah, é brincá c'uns boizim ... roçano, esses trem, né? Boizim de sabuco ... fazi ... nói[s] tinha a tuima de brincá lá [as]sim, fazê essas coisa. Cambuiava co el[e]s, qu'era boi de carro, né? Ota hora fazia um curral, apaitava, diz qu'era vaca, né? Era essas coisas, né? Não, fechava c'umas linha. Robava, pegava as linha lá da véia e fazia os curral de linha, né? É, no quintal, ota hora nóis saía po cerrado lá [as]sim po[r] disbaixo dos pau, né? A véia era mui bastante braba. A gen[te] pegava aque[le]s boizim de pau terra, de pau santo, né? Tem uns miúdo, né? E, fazia aquilo e, quando era boi nói[s] punha chifre ne[le]s e incambuiava, diz qu'era boi de carro, né? Cangava, né? Ota hora vaca ... punha [a]que[le]s miudim era bizerro, né? E os grande era vaca, né? (PAULA, 2007, p. 212).

O narrador do fragmento acima relata ainda como se divertiam quando os meninos estavam folgados dos serviços da roça, em uma memória alusiva ao seu trabalho e suas relações sociais como dar nomes, batizar e estabelecer os laços de compadrio, próprios da cultura rural da época narrada, aproximadamente os anos quarenta do século passado no sudeste goiano. Nota-se a inexistência de brinquedos como hoje se conhecem e a inventividade das crianças para dar a um banho de *reberãozim* o matiz de um *brinquedim* de que gostavam os infantes de outrora. O fragmento seguinte esclarece nossas considerações:

Ah é! Quando nóis tava foigado [as]sim tinha dia que juntava o ternim assim e brincava o dia interim lá, fazeno o brinquedo, né? Pois é, não é ... (*risos*) Fazi ... achava qu'era o fazendero, né? Juntava [a]quele monte de boizim, diz qu'era vaca tav'aí, né? É ... batizava os minino dos oto assim (*risos*), fazia os brinquedo [as]sim batizava, né? Diz qu'era minino. É tudo [faz de conta], é. Ah, nessa ép[oc]a tinha uns...deiz ano mais o meno, né? Nessa ép[oc]a qu'eu brincava, né? (...) Não, num tinha, quais[e] qu'era esses brinquedim assim, esses negócio de jogá bola essas coisas nunca gostei disso, né? Não, essas coisa assim, né? Num tinha muito brinquedo não. (...) Isso nóis gostava, i[r] pos reberãozim tomá banho, né? Não, pescá pescava mais era poco n'era muito não. Nosso brinquedo quais[e] qu'era isso memo, né? É, num tinha mais brinquedo não, era só essas coisas, né? Carriá [as]sim, fazê os carrim de brinquedo, era os boizim, ota hora, oto dia era [a]partá as vaca, né? (*risos*). Ficava vurvido² o dia intero c'aquilo. Pois é! (...) e o dia que nóis tava de foiga envolvia o dia intero c'aquilo (PAULA, 2007, p. 212).

¹ Os critérios utilizados para a transcrição das narrativas orais cujos fragmentos apresentamos neste estudo encontram-se em Paula (2007, p. 40-44).

² *Vurvido* é uma forma variante de *envolvido*.

Em outro momento da narrativa, o senhor afirma que não gostava de brincar, forçado, certamente, pela necessidade de ajudar a mãe na fazeção de farinha para sustentar a família. Confira-se:

É que eu toda vida em desde piqueno sempe trabaiava, né? [...] Trabaiava. Eu em desde a idade de deiz ano eu dava um jeito de trabaiá, né? Ah, saía mais minha mãe. Tinha uma fazeção de farinha. Eu ia ajudá ela, né? Ela ia pos oto assim, relava de mais assim ... agora eu ia pa lavá mandioca, né? Ficava o dia intero dento d'água lavano mandioca. [...] E trabaiava o d'interim dento do rego lá, lavano mandioca pa ganhá um lito de farinha. Cê pensa que que era as coisa, né? É. E era um di[a] interim e era trabaiado, poque eu num ... toda vida eu num gostei de brincá, né? Inzoná. Trabaiava o di[a] interim pa ganhá um lito de farinha pa levá pra casa pa cuidá dos mais novo, né? Qu[e] os oto era piqueno. Não ... um lito de farinha (...) numa casa assim de quato cinco pessoa, é poca coisa, né? (PAULA, 2007, p. 212-213).

Outros narradores, homens e mulheres, aludem às brincadeiras que se conhecem hoje como *Cavalo de pau*, *Negócio de jogar bola*, *Bola*, *Camposinho*, *Campo*, *Campinho*, *gangorra*. No entanto, no contexto de suas narrativas, vê-se que não são as mesmas brincadeiras, pois os objetos de brincar e a sua configuração cultural eram outros. É assim que o cavalo de pau era, literalmente, feito de pau, sobre o qual se colocavam na representação do que faziam seus pais ou outras pessoas maiores ao montarem em um cavalo e saírem para a lida da roça. Vale lembrar que possuir um cavalo para muitos destes narradores era um luxo, uma vez que contam que não possuíam outro meio de locomoção para suas roças além da força de seu corpo, nas léguas de lonjura.

As bolas com que jogavam no *camposinho* à porta de casa, com a *turma de brincar*, eram feitas de bexigas suínas cheias de vento e cobertas com o leite de gameleira ou, preferencialmente, de mangabeira. Assim, as bolas quicavam e duravam mais, além de suprirem a total ausência de condições para aquisição das bolas feitas para o futebol, já populares à época.

As *gangorras* da época em nada lembram as dos parques infantis de hoje: constituíam-se de um pedaço de madeira, ou tábua, inteiriça, sobre cujas pontas sentavam-se as crianças que se contrabalançavam com seus pesos. Ao movimento de subir com o peso do outro e de abaixar-se para levantar o outro na ponta da tábua dá-se o nome de gangorrar ou gangorrear. Vejamos o fragmento da narrativa de uma senhora:

Quan[do] ... temp' que nós er' piqueno nós gostava de b[r]incá muito assim, b[r]incá de gangorra, aí aquel[a] gangorra lá [as]sim, muntava saía b[r]incan', tocava de roda c'aquele gan[gorra] fazen[do] caí, né. Os mais piquen' caía (*risos*). B[r]inquei de cangorra, de balango. Balango. No cipó. Ele era bera do corgo, assim paren' um (*incompreensível*) bastava um tongo³ pa mim pará. É, é. Os minin'

³ *Tongo* por *tombo*.

impurrava nós assim, nós ia atravessava os corgo (*risos*). Uai, fia. Finca um tongo⁴, um tongo, um pau, um pau assim, ó, no chão, e ruma, e ruma um pauzão cumpido cum' daqui ali e ... tamãe que qué e fura, fura o pau no mei assim e põe arame im cim' da daquel' pau, aquel' pau e vai tocá a gangorra de roda, ãa hora era de roda, ôta hora assim (*risos*).⁵ Ah! senta doisi, um, dois de cada, de cada lado, logo ca ... logo a gangorra subia assim, ó. Ah! os minino [faziam a gangorra] Er' os minino mais véi, mĩ fia. [Brincava] Até ficá tonto, né? Balangá. De cavalo de pau (*risos*) (PAULA, 2007, p. 266).

É certo que as crianças também representavam nas horas de folguedos ações que executavam nos seus mundos de pequenos adultos como quando os senhores narram o *Fazer curral*, *Apartar vaca*, *Fechar com umas linhas*, *Curral de linha* como formas de brincar com as quais se envolviam nas escassas horas em que lhes era permitido, pelos pais e pelo corpo cansado, brincar de criança.

Nota-se que brincar de fazer curral, de apartar vacas no curral, de fechar o curral com umas linhas é transferir para a representação da criança o trabalho como se ele fosse brincadeira. Provavelmente, as crianças não brincavam porque trabalhavam, porque não sabiam como brincar de outra forma e com outros brinquedos porque não os conheciam e não havia as *turmas de brincar*. Faltando-lhes convivência com outras crianças, brinquedos, tempo e permissão para brincar o que restava a estas crianças seria transformar estas experiências de simbolização em *memórias de brincar de trabalho*.

A brincadeira infantil como representação de seu mundo e a configuração cultural que o caracteriza se fazem notar também quando narram que *sair para o cerrado* à caça de *boizinho de pau terra* para a composição de seus currais de brinquedo ou quando narram que *ir para o ribeirãozinho para tomar banho* ou *pescar* eram outras formas de diversão.

O homem no seu contexto social, tecendo suas relações e a elas se submetendo e reelaborando-as, se faz caracterizar mais nitidamente nas relações infantis, pela simbolização que marca a infância. É assim que, a partir do que Coseriu (1977) chama de *campos lexicais* e do que Hallig e Wartburg (1963) chamaram de *Sistema Racional de Conceitos*, os itens lexicais acima apresentados foram inventariados e receberam ligeira análise, a partir do que o *corpus* nos ofereceu como suporte para discutir sobre a cultura de senhores e senhoras roceiras do sudeste de Goiás.

Há, no *corpus*, muitas outras formas mistas para brincar entre os infantes e outras que só foram enunciadas pelas mulheres como específicas a elas em nítida referência à distinção de gênero no âmbito das brincadeiras e brinquedos de crianças do mundo rural do sudeste goiano, nos idos dos anos 1920 a 1950. Confirmam-se as memórias de uma das quatro narradoras:

Fazia, fazia buneca, punha (*risos*), punha e[la]s, punha as buneca nos b[r]aço e (*incompreensível*) nos pau (*risos*) e pará, pará, pará. Ia lá, ia longe memo. É. Ia passia c'as buneca de pau, mĩ fia. Is[so] assim er' muito minino, er' munto memo, er' ãa turma. Fazia de pano. As minha, as minha p[r]ima fazia buneca prá nós de pano. É. Ah! Gostava, gostava mais [as]sim de gangorra, buneca, cunzinhadim.

⁴ Tongo por toco.

⁵ Gestos explicam a referência para *assim*, com movimentos verticais (para cima e para baixo). Quer dizer, na gangorra balançavam em movimentos circulares e verticais.

Nóis ia lá... nóis num amolava minha mãe assim assim igual esses minin' de hoje im dia não (PAULA, 2007, p. 266).

Há outras memórias do brincar infante em que a representação do mundo dos adultos se mostra mista, entre meninos e meninas, sobremaneira quando se referem a práticas e hábitos comuns a homens e mulheres adultos, em evidente associação ao mundo dos pais e das mães. Fazer a comida, por exemplo, é uma prática não específica a mulheres, posto que os homens, nos seus ranchos de roça onde pousavam por semanas nos plantios e colheitas, também preparavam suas comidas.

Na representação lexical da narradora, a memória é do *cozinhadinho*, na *panela de barro*, feita pelos meninos mais velhos, em *casinha de ramo*. A representação da realidade é tão perfeita a ponto de a narradora citar os ingredientes que a mãe, quando os tinha, lhes fornecia para a brincadeira de fazer comida de verdade e, também de verdade, eles comiam o cozinhadinho que, brincando, faziam do jeito que eles gostavam, como se pode verificar no fragmento abaixo:

Sabe de vêi[z] quan[do] mãe dava t[r]em pa nóis fazê cunzinhadim, nói' fazia panela de barro, os mini' mai[s] vêi fazia panela de barro, punha os t[r]em e levan' no fogo, punha punha sabuco lá no fogo, c' o fogo, as b[r]asa saía marelinha, socava panela de barro, de barro marelo lá dento, fazia panelinh' de barro, fazia potim, a gent' quemava [a]quilo, né? Fazia que nem nas panela de barro, lá nas bera do coigo pa lá. A gent' fica ... ficava [as]sim, ó, fazia casinha [as]sim de de ramo, [fi]cava pa lá brincan'. A minh' mãe g[r]aças a Deus, tadinh', quan[do] ela tinha as coisa el[a] dava pra nóis. Dava manteiga, dava manteiga, dava arroz pra nóis fazê. Er', minin' cumia em casa mesm'. Ficava gostoso. Ah! Tinha que ficá do jeito que e[le]s [os meninos] quisesse, ficav' chei de cardo, nóis cumia [as]sim me[s]m[o] (PAULA, 2007, p. 266).

Brincadeiras comuns aos meninos e às meninas dizem respeito às que envolvem, ainda, o campo da comida, como *pesca lambari* para acrescentar ao *cozinhadinho*. Os meninos, afeitos, certamente, à prática da pesca com os adultos, faziam *jiquizinhos* para a captura dos peixes que comiam no momento da brincadeira.

Os atos de brincar são, sem dúvida, a representação do mundo adulto que circundava as crianças de outrora, narradoras adultas que possibilitaram a composição do *corpus*. Quando a mãe solicitava que saíssem de perto da conversa de adultos, os infantes brincavam de *pai*, *mãe*, *compadres*, de *bater de mentirinha*, como se pode notar na memória seguinte da narradora:

Um dia e[le]s um falav' um, uns minin' falav' que er' pai, otos já era a mãe, uns er' er' cumpade, otos er' er' é fii. [...] Batia de mintirinha. De mintirinha, mĩ fia. E eu num ia sabê, era piquena. Fazia, num sei fazê mais nenhum. Num pensava nada, sabia de nada, né? Pensav' não, 'tava bão. [Brincava] Só ãa parte do dia, depois ia brincá d'otos brinquedo pra lá. To'dia, nóis[s] num amolava minh' mãe não,

quan[do] nós er' piquen'. Minh' mãe dexava nós i[r] pa lá, quan[do] el[a] quiria cunvesá as coisa, cunvesá cunvesa [as]sim dos mais véi, né? El[a] num gostava que nós ficava perto, mandava nós i[r] passia, bincá pra lá (PAULA, 2007, p. 267).

Em outras palavras, o recontar sobre a vida passada, as brincadeiras de crianças demandou dos narradores que revivessem, ressentissem, pelas frestas das memórias, como se organizava o cosmos infantil de que foram personagens. Este mundo, com seus brinquedos e brincadeiras, revivido aqui nos itens lexicais que inventariamos e sumariamente analisamos, são a demonstração de que no léxico se inscrevem as experiências e vicissitudes humanas. Nas suas unidades, ficaram registradas as memórias da diversão, do faz-de-conta, da *mentirinha* de criança, as obrigações de gente grande, travestidas em brincadeira.

Considerações finais

Biderman (2001) diz que o mundo se faz conhecer pelo homem a partir do momento em que o nomeia, porque assim cumpre a etapa da significação. Só significa o que se conhece e nomeia-se o que é significativo. O arranjo da nomeação, o léxico, não é apenas mental: tem um matiz social e cultural que diz o modo como categorizamos as coisas que nos rodeiam e que nos são (ou se nos fazem) significativas.

É nesta perspectiva que apresentamos aqui o modo como os meninos e as meninas, há quase um século, significavam o *ser criança* e como, entre tantos reveses, reinventaram a infância, transformando os seus instrumentos de trabalho na roça em algo mais suportável aos corpos ainda frágeis – mas que se fortaleceriam, um dia para a séria lida da sobrevivência – ou brincando de trabalhar em cangas de *bois cambuidos* ou entre currais feitos de linha, cheios de boizinhos de pau terra, em referência à flora abundante que os circundava.

É na esteira do que diz Sapir (1969) acerca da relação entre a língua e a cultura, que se faz notar mais detidamente no plano léxico, que propusemos e realizamos, ligeiramente, este inventário e análise lexical sobre brinquedos e brincadeiras no vernáculo do sudeste goiano, com o propósito de entender como as memórias conduzem a formas de apreender o mundo que a cultura reporta.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, È. Léxico e Cultura. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 245-287.
- BIDERMAN, M. T. C. As Ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, v. 1, 2001. p. 153-166.
- GAGNEBIN, J. M. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, S. e NAXARA, M. (Orgs.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2001. p. 85-94.
- HALLIG, R. e WARTBURG, W. von. **Begriffssystem als grundlage für die Lexikographie; Versuch eines Ordnungsschemas**. 2. Neu bearbeitete und erweiterte Auflage. / *Système Raisonné des Concepts pour Servir de Base à la Lexicographie. Essai d'un schéma de classement*. 2éme. Édition recomposée et augmentée. Berlin, Akademie-Verlag, 1963. Berlin: Akademie Verlag, 1963.
- LABOV, W. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

PAULA, M. H. de. **Rastros de velhos falares**: léxico e cultura no vernáculo catalano. 2007. 522f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual paulista, 2007.

SAPIR, E. **Lingüística como ciência**. [1921]. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SEIXAS, J. A. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S. e NAXARA, M. (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2001. p. 37-58.